

OS TRÊS ALENCARES: O SENTIDO COMPLETO DA FORMAÇÃO

AMARAL, Raíssa Cardoso¹; SPAREMBERGER, Alfeu²

¹Universidade Federal de Pelotas; ²Universidade Federal de Pelotas, Centro de Letras e Comunicação. alfeu.sparemberger@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO:

O presente trabalho explora, fundamentalmente, as ideias contidas na *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos* (1959), obra de Antonio Candido, sobre o significado do sistema literário, o papel relevante do Romantismo e, por conseguinte, o modelo de interpretação da obra de José de Alencar.

Paulo Franchetti assegura que a *Formação da Literatura Brasileira* é “o livro que até hoje fornece a estrutura do pensamento histórico mais influente e mais rico em desdobramentos” (FRANCHETTI, 2010). Confirmando esta tese, Alfredo Bosi assinala que a obra de Antonio Candido “dá a impressão de um conjunto mais ordenado e coeso em que predominam, desde as primeiras páginas, as ideias matrizes de sistema, de integração e equilíbrio funcional” (BOSI, 2000, p. 36). A crítica literária não apresenta uma única conclusão sobre o que Candido disse realmente com o conceito de sistema literário, porém, apesar da polêmica gerada em torno da “Introdução” da obra, esta se mantém viva e analisada até hoje.

Para Antonio Candido, o sistema literário é entendido como algo orgânico e contínuo que funciona quando ocorre a interação “autor-obra-público”. O funcionamento do sistema depende ainda de um mecanismo transmissor comum, ou seja, uma “linguagem traduzida em estilos”. Desta forma, teremos *literatura propriamente dita* no Arcadismo, garantindo a tradição e a continuidade do fato literário. Já o Barroco é denominado de *manifestação literária* pela ausência, em perspectiva histórica, de um dos componentes da tríade estruturadora do sistema literário. Antonio Candido, em contrapartida, não nega a existência de obras de valor nos períodos anteriores ao Arcadismo.

No esquema montado por Candido subsiste a “distinção entre (1) a obra, vista em si, do ângulo da sua integridade estética, e (2) a obra situada no conjunto de produtores, receptores e mecanismos de linguagem” (BOSI, 2000, p. 36-37). Assim, a autonomia da obra é respeitada e, ao mesmo tempo, pela perspectiva histórica, vale dizer, pela concepção de historicidade adotada, ela é percebida nas relações que estabelece com a cultura em geral, para além do exclusivo da dimensão de criação individual.

2. METODOLOGIA:

Este estudo resulta de uma releitura da *Formação da Literatura Brasileira* com o intuito de compreender o “lugar” dos autores na história da literatura brasileira. O livro de Antonio Candido, pela proposta sociológica, estética e histórica, merece especial atenção.

Luiz Costa Lima explicita que a história da literatura brasileira “se estabiliza com a *Formação da Literatura Brasileira* (...), permanecendo até hoje a ferramenta básica com que, no Brasil, se encara a literatura” (LIMA, 2010, p. 126). Sendo assim,

a proposta de Candido deixa entrever o laço entre Nação e Literatura, pois elege como momento de consolidação do sistema literário o período romântico. O vínculo referido resulta consagrado quando consideramos a seguinte afirmação: “Graças ao Romantismo, a nossa literatura pôde se adequar ao presente” (CANDIDO, 2009, p. 327).

É justamente no Romantismo que a identidade brasileira é exaltada, uma literatura *empenhada*, pois produziu um corpus literário em nomes e em obras, dentro do qual iremos analisar José de Alencar. No Romantismo, se produz a ideia de nação, como expresso nas palavras de Antonio Candido:

Este nacionalismo infuso contribuiu para certa renúncia à imaginação ou certa incapacidade de aplicá-la devidamente à representação do real, resolvendo-se por vezes na coexistência de realismo e fantasia, documento e devaneio, na obra de um mesmo autor, como José de Alencar. Por outro lado favoreceu a expressão de um conteúdo humano, bem significativo dos estados de espírito duma sociedade que se estruturava em bases modernas (CANDIDO, 2009, p. 29).

Pelo viés histórico-sociológico da *Formação*, é no Romantismo que temos, de fato, a consolidação do sistema literário, tendo em vista que se cria uma vida literária apoiada por uma imprensa efetiva e produtiva da circulação de obras. É nesse período literário que se percebe a vontade de criar uma literatura independente, que falasse sobre o que é realmente fruto da terra brasileira.

O próprio Candido nos remete ao sentido do Romantismo como algo nacional e universal e que resulta em um “momento harmonioso e íntegro, que ainda hoje parece a muitos o mais *brasileiro*, mais autêntico dentre os que tivemos” (CANDIDO, 2009, p. 332). O livro do professor da Universidade de São Paulo nos indica também que é por meio do romance urbano de Alencar, “mais refinado na análise à medida que a burguesia ia se ampliando e diversificando como classe” (CANDIDO 2009, p. 34), que se consolida o terreno para a chegada triunfante de Machado de Assis. É o que fica explícito neste trecho:

Assim, sob vários aspectos – uns convencionais, outros mais raros; uns aparentes, outros virtuais – sentimos em Alencar a percepção complexa do mal, do anormal ou do recalque, como obstáculo à perfeição e como elemento permanente na conduta humana. É uma manifestação da dialética do bem e do mal que percorre a ficção romântica, inclusive a nossa. No menos característico Manuel Antônio de Almeida, vimos que não existe; em Bernardo ela se atenua, sob a influência de um otimismo natural e sadio. Em Teixeira e Sousa e em Macedo, aparece como luta convencional dos contrários, para atingir, em Alencar, a um refinamento que pressagia Machado de Assis (CANDIDO, 2009, p. 545).

É no capítulo XII da *Formação* – “O Triunfo do Romance” – que Candido nos expõe um de seus mais belíssimos ensaios sobre um autor singular do Romantismo: José de Alencar. Em “Os Três Alencares”, faz o desdobramento de Alencar em três tipos: o Alencar “dos rapazes”, o “heroico” e o “das mocinhas”. Neste ponto da obra, Antonio Candido parece associar, com rara maestria, os dois princípios norteadores da história literária: a narrativa, com a precisa localização de José de Alencar na literatura brasileira e o ensaio, como análise que privilegia a valoração estética.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Alfredo Bosi confirma a assertiva acima, ao registrar que “É nos estudos monográficos que o melhor do pensamento do crítico se vê em ato” (BOSI, 2000, p. 38). A monografia permite considerar a “complexidade e unicidade expressiva e construtora de cada obra de arte, cujo nexos com os valores e os padrões de gosto não se subordina passivamente às convenções correntes, podendo, ao contrário, problematizá-los e subvertê-los” (BOSI, 2000, p. 38). A problematização efetiva uma visão de história da literatura centrada no ensaio e não no componente narrativo. Candido, no entanto, ao proceder assim, só explicitamente abandona a metáfora inicial de sistema literário e de organismo dinâmico. Cremos que as metáforas permanecem vivas exatamente pelo destaque dado às diferenças e continuidades.

No ensaio sobre Alencar, a multiplicidade é destacada, o desnível é registrado. Antes, porém, de avançar neste tópico, cabe verificar como Bosi entende a leitura que Candido fez da obra de Alencar:

Entretanto para Alencar (que estréia nos mesmos anos 50 [década da obra de Manuel Antonio de Almeida]), é precisamente o *choque* entre o Bem e o Mal que, segundo a leitura de Candido, desencadeia os enredos nos quais o herói é sempre herói, a heroína heroína, e o vilão vilão. Alencar não retoma nem aproveita Manuel Antônio de Almeida, assim como Taunay não será perfazimento de Bernardo Guimarães, embora ambos tratem de matéria regional (BOSI, 2000, p. 38).

Deste modo, a história da literatura brasileira é construída pela valorização da produção imaginária, pela multiplicidade dos processos simbólicos e não pela busca de uma organicidade interna. Vale dizer, Candido reconhece que as estruturas simbólicas pouco se ajustam a uma periodização como produto externo a elas. De outra parte, as conjunturas históricas e sociais não determinam o valor das produções artísticas. A análise, como observado antes, registra a variedade da obra, o que significa valorar ainda mais a estratégia da monografia (ou do ensaio) como princípio articulador de uma história da literatura. Podemos constatar isso no modo como Antonio Candido “resume” a obra de José de Alencar:

Desses vinte e um romances, nenhum é péssimo, todos merecem leitura e, na maioria, permanecem vivos, apesar da mudança dos padrões de gosto a partir do Naturalismo. Dentre eles, três podem ser relidos à vontade e o seu valor tenderá certamente a crescer para o leitor, à medida que a crítica souber assinalar a sua força criadora: *Lucíola*, *Iracema* e *Senhora*. Há outros que constituem uma boa segunda linha, como *O guarani*. Mais do que isso não convém dizer, porque a variedade da obra de Alencar é de natureza a dificultar a comparação dos livros uns com os outros. Basta com efeito atentar para a sua glória junto aos leitores – certamente a mais sólida de nossa literatura – para nos certificarmos de que há, pelo menos, dois Alencares em que se desdobrou nesses noventa anos de admiração: o Alencar dos rapazes, heróico, altissonante; o Alencar das mocinhas, gracioso, às vezes pelintra, outras, quase trágico (CANDIDO, 2009, p. 537).

Percebe-se aí o reconhecimento do Autor, como criador individual, a Obra, considerada na sua autonomia estética, um princípio metodológico atuante, a comparação, nem sempre explicitamente articulada, e a consideração do Leitor, o elemento final, configurador do sistema literário. Antonio Candido não descarta, na monografia sobre José de Alencar, do componente necessário, ou seja, da efetiva

consolidação do sistema. Recorda, ao final do ensaio, a linguagem usada por Alencar, como perfeitamente ajustada ao gosto da época. E conclui:

A sua arte literária é, portanto, mais consciente e bem armada do que suporíamos à primeira vista. Parecendo um escritor de conjuntos, de largos traços atirados com certa desordem, a leitura mais discriminada de sua obra revela, pelo contrário, que a desenvoltura aparente recobre um trabalho esclarecido dos detalhes, e a sua inspiração, longe de confirmar-se soberana, é contrabalançada por boa reflexão crítica. Tanto assim, poderíamos dizer, que na verdade não escreveu mais do que dois ou três romances, ou melhor, nada mais fez, nos vinte e um publicados, do que retomar alguns temas básicos, que experimentou e enriqueceu, com admirável consciência estética, a partir do compromisso com a fama, assumido n' *O guarani* (CANDIDO, 2009, p. 548).

4. CONCLUSÃO:

A *Formação da Literatura Brasileira* aponta, incontestavelmente, para a construção de um respeitável método histórico, que recusa ver a literatura como um episódio de investigação sobre a sociedade. A mesma dialética aplicada na interpretação da obra de José de Alencar orienta o estudo da literatura como expressão da nacionalidade, ou seja, o desejo de os brasileiros contarem com uma literatura, como expressa Antonio Candido no início da obra.

5. REFERÊNCIAS:

BOSI, Alfredo. *Por um historicismo renovado*. In: **Teresa: Revista de Literatura Brasileira**. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. N. 1, 2000. p. 9-47.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira – Momentos Decisivos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: FAPESP, 2009.

FRANCHETTI, Paulo. História Literária: Um Gênero em Crise. **Revista SemeaR 7 - A situação da narrativa no início do século XXI**. Cátedra / PUC-Rio – Endereço eletrônico: http://www.lettras.puc-rio.br/catedra/revista/semiar_7.html Data de acesso: 10/07/2012

LIMA, Luiz Costa. Uma Fortuna Problemática: A História da Literatura no Brasil. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). **História da Literatura: Teorias e Perspectivas**. Porto Alegre: PUCRS, 2010.